



GT 20. Big data e thick data: pensando o lugar da antropologia digital

Coordenador(es):

Débora Krischke Leitão (UQAM - Université du Québec à Montréal)

Laura Graziela F. de F. Gomes (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Sessão 1

Debatedor/a: Raíra Bohrer dos Santos (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Sessão 2

Debatedor/a: Jair de Souza Ramos (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Sessão 3

Debatedor/a: Eliane Tânia Martins de Freitas (UFRN)

Nos últimos anos, eventos políticos importantes foram concebidos e produzidos utilizando a mineração e análise de dados nas redes e motores de busca. Dados estes, pertencentes a milhões de usuários que tiveram suas informações vasculhadas, roubadas e utilizadas através de metodologias específicas por governos, partidos políticos, think tanks e empresas privadas. Para além das crises políticas e éticas desencadeadas, a euforia em torno dos “big data” reforçou a idéia implícita de que essas metodologias de pesquisa e análises utilizadas não deixariam mais lugar para outras abordagens qualitativas. Debates em torno dos “thick data” surgiram como reação a essa perspectiva, propondo que abordagens mais etnográficas das plataformas digitais são necessárias para dar conta de uma cultura digital diversificada, ao mesmo tempo global/local, incorporando a dimensão das emoções, da experiência e do significado. O presente GT tem interesse especial em reunir pesquisas etnográficas sobre diferentes modos e estilos de envolvimento com as plataformas digitais enfatizando a produção de subjetividades e exercícios imaginativos de experimentação nos cruzamentos e hibridizações com a tecnologia. As plataformas digitais divergem entre si quanto aos modos de uso e de relacionamento - participação, interação, engajamento, conexão, presença, envolvimento, imersão, incorporação -, ao mesmo tempo em que tornam a rede heterogênea, criando obstáculos às generalizações e reduções.

Na aldeia ou na cidade: Mídias digitais e seus impactos sociais

Autoria: Maria Isabel de Oliveira da Silva (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro), IURI ROGÉRIO DA SILVA LIMA

O presente artigo quer tratar sobre as questões de mídias digitais no Município de São Gabriel da Cachoeira inserido na região do alto Rio Negro, o maior rio de águas pretas do mundo e o maior afluente da margem esquerda do rio Amazonas, fazendo fronteira com a Colômbia e Venezuela [FUNASA 2012]. É uma região de ampla variedade cultural, pois, congrega 23 povos indígenas pertencentes diferentes famílias linguísticas e, que perfazem 95% da população, sendo o primeiro município no Brasil a cooficializar as línguas indígenas Nheengatu, Tukano, Baniwa e Yanomami [UFAM 2014]. Devido ao isolamento geográfico da cidade, o acesso só é possível pelas vias aérea ou fluvial. São Gabriel da Cachoeira é considerado o município mais indígena do Brasil [IBGE 2010]. O CSGC conta com o Curso Técnico em Informática desde 2014 e vem desenvolvendo a inserção dos alunos ao universo da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC). Uma vez que a inovação tecnológica é contínua e, junto dela caminha a inclusão digital para atender as demandas e



necessidades do cidadão independente de sua cultura. Todas as sociedades precisam estar preparadas para a inclusão digital, sendo fundamental o papel da escola nesse importante work. Bem como a elaboração do material didático que é de grande importância, pois através dele se constrói uma aprendizagem significativa. A didática é, portanto, uma atividade educacional especializada, que se preocupa com os problemas de ensino, buscando orientar esse processo, [Papalia e Feldman 2013]. Segundo o que rege os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), [BRASIL 1998], é importante utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos e autonomia dos alunos. A Antropologia e as tecnologias digitais sempre são um desafio devido a sua complexidade de informações, mas nada é impossível desde que haja um diálogo com as culturas para entender a sua linguagem e como os povos indígenas estão envolvidos com essas informações, quais são as informações que circulam entre os indígenas. Quais os impactos que deixam marcados nas culturas dos povos indígenas do Alto Rio Negro.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: